

4-12-66

Antropologia E Educação

— I —

Sérgio Guerra Duarte

Se entendemos a educação em seu sentido amplo de processo de integração dos indivíduos à sociedade, com a consequente preservação da cultura grupal, verificamos que educação e antropologia se relacionam intimamente, por tratarem ambas da herança social através das gerações, bem como dos mecanismos por meio dos quais essa transmissão se efetua.

Entretanto, a despeito da similitude de seu objeto de estudos, os profissionais da educação e da antropologia raramente se conjugam numa mesma tarefa prática. Enquanto os primeiros estão permanentemente voltados para os aspectos formais e legais da educação, os antropólogos quase sempre desconhecem as particularidades dos sistemas educacionais modernos, com toda a sua complexidade de normas, concentrando suas atenções no processo de aprendizagem das sociedades pré-letradas ou em aspectos da educação assistemática nas culturas industriais.

Essa carência de intercâmbio é certamente nociva, porque o formal e o informal não constituem senão aspectos de uma mesma realidade (1). Contudo, mesmo nos Estados Unidos, onde os estudos de antropologia tiveram grande desenvolvimento (2), perduram problemas de entendimento entre esses especialistas. Nem os educadores encaram sempre suas instituições de ensino como sistemas dentro da sociedade, nem os antropólogos elaboram projetos de trabalho que possibilitem a compreensão plena de determinados problemas educativos (3). Comentando esse fato, assinalou Fred Eggan, da Universidade de Chicago, que embora uns e outros, quando reunidos, concordem num plano mais elevado de abstrações, raramente descem a casos concretos ou formulam projetos conjuntos de pesquisas (4). Por isso mesmo J. L. Fischer admitiu recentemente, no *Biennial Review of Anthropology*, que apesar de ser abundante a literatura sobre educação, pouco dela é escrito sob a perspectiva antropológica (5).

É sabido porém que existem áreas problemáticas no campo da educação hodierna para cujo entendimento e solução os antropólogos poderão colaborar. Limitada em seus primórdios ao estudo dos povos primitivos, a antropologia, embora vinculada nessa época aos interesses políticos do colonialismo europeu, nem por isso deixou de fornecer subsídios indiscutivelmente válidos para a compreensão e o exame crítico-comparativo de diferentes grupos humanos. Mesmo os que fazem restrições aos métodos antropológicos reconhecem, como o sociólogo Robert Bierstedt, que «na verdade, os antropólogos deram grandes contribuições ao pensamento contemporâneo referente à Sociologia, à Ciência Política, ao Direito e à Economia — contribuições que tem sido de maior importância mesmo quando não totalmente originais ou exclusivamente antropológicas. Tais contribuições, de tão conhecidas, não precisam ser expostas. A noção de relatividade cultural, por exemplo, é indispensável em qualquer pesquisa objetiva sobre as sociedades humanas. O estudo comparativo das sociedades não poderia de maneira nenhuma ser levado a efeito sem os dados minuciosos colhidos pelos antropólogos entre os povos sem escrita largamente separados no espaço. Somente por meio de uma profunda apreciação de culturas contrastantes, e de costumes «perversos» e exóticos, é que o sociólogo é capaz de alcançar essa largueza de vistas sem a qual não poderia esperar compreender a sua própria sociedade». (6).

Graças a tais estudos passamos portanto a perceber melhor determinadas situações de vida, como o ângulo informal da educação, e a encontrar em nossa própria sociedade significação sócio-cultural em atitudes discentes que até então considerávamos «naturais». Sabemos, através de pesquisas de campo, que o que é bom para um grupo pode não o ser para outro. O estímulo à emulação intelectual entre os alunos, por exemplo, muito aplicado em nossos sistemas escolares, não poderia ser usado com proveito entre os índios Hopi, tribo pueblo dos planaltos semi-desérticos do Arizona. Aí, as condições mesológicas são tão hostis que o grupo, ao sentir o impacto da cultura ocidental, percebeu que só poderia sobreviver como grupo reforçando a sua própria solidariedade interna, o que pressupunha ausência de competição.